

# EMPREGO E RENDA FORMAM HERANÇA , VIRTUOSA

FERNANDO CANZIAN ■ DE SÃO PAULO

Em paralelo à rápida melhora no mercado de trabalho, e principalmente por causa dela, os anos Lula trouxeram uma grande transformação, para melhor, nos padrões de consumo e nos negócios das empresas. Por trás das mudanças, algo que não se via em décadas: uma notável melhora no padrão de distribuição de renda brasileiro.

Esse fato vem firmando um ciclo virtuoso no Brasil. Mais empregos estão gerando mais renda, que se transforma em mais consumo, que estimula investimentos produtivos que, por fim, requerem mais empregos para acontecer — reforçando toda a cadeia.

O estopim do processo, em 2003 e 2004, foram os gastos públicos. Primeiro via Bolsa Família. Depois, por reajustes acima da inflação para o salário mínimo e a explosão do crédito consignado (alta de 32% só em 2010), especialmente para dependentes do INSS. Hoje, é o setor privado que impulsiona o país.

O Brasil deve fechar os anos Lula com cerca de 14 milhões de novos empregos formais. Nas regiões metropolitanas, de cada 10 empregos gerados, 8 são com carteira assinada. Trata-se de uma inversão em relação ao padrão dos anos 90 e da segunda metade dos anos 80.

É esse o fato que explica especialmente a queda de mais de 40% no total de brasileiros vivendo abaixo da linha de pobreza desde 2003.

O Brasil tem hoje cerca de 30 milhões de pessoas que ainda sobrevivem com menos de R\$ 140 ao mês, o equivalente ao preço de um maço de cigarros por dia. Mas eles

seriam mais de 50 milhões se a velocidade da diminuição da pobreza não tivesse se acelerado nos anos recentes.

Na média da década, segundo o Centro de Políticas Sociais da FGV-RJ, a renda do trabalho explicaria 67% da redução da desigualdade; o Bolsa Família, 17%; e os gastos previdenciários, 15,7%.

A grande pergunta a ser respondida com o tempo é se o ritmo de melhora alcançada por Lula vai continuar.

Disso depende o cumprimento da principal promessa de campanha da presidente eleita, Dilma Rousseff: erradicar a pobreza no Brasil.

Pelo critério do Ministério do Desenvolvimento Social, são pobres os 15% de brasileiros que ainda vivem com renda per capita mensal menor do que R\$ 140.

Entre eles, 6,5% são considerados miseráveis por viverem ainda pior, com até R\$ 70 ao mês (R\$ 2,30 ao dia).

Sérgio Mendonça, econo-

mista do Dieese, avalia que a fase mais profícua da melhora do mercado de trabalho talvez tenha ficado para trás.

Até 2008, cada ponto de crescimento do PIB significava um aumento equivalente na criação de empregos. Hoje, essa relação é menor, de 1 ponto para 0,5.

“Mesmo assim, se o país puder crescer 5% ao ano, o emprego crescerá mais de 2%, mais até que o aumento do estoque de novos trabalhadores”, diz. “Se isso de fato ocorrer, o desemprego poderá desaparecer da agenda de problemas.”

Ficaria faltando chegar aos pobres e miseráveis (não alcançados pelo mercado de trabalho) por meio dos programas sociais. Segundo cálculos do economista Marcelo Neri, da FGV-RJ, isso custaria R\$ 21,3 bilhões/ano, além dos R\$ 13,4 bilhões já gastos para atender 12,7 milhões de famílias no Bolsa Família.

Esse custo será tanto menor quanto maior for a cria-

ção das novas vagas de trabalho, que vem “dando o gás” atual para a economia.

Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, diz que o aumento do emprego faz com que a massa de renda na economia cresça a um ritmo anualizado de 30%. “É isso o que sustenta a migração dos mais pobres para a classe média”, diz. A MB Associados estima que até 2016 a classe média (renda familiar mensal de R\$ 1.530 a R\$ 5.100) seja maioria no país.

Até lá, é de esperar que, embora com menos ímpeto, o ciclo virtuoso descrito acima mantenha o emprego, a renda e o PIB em rota de crescimento —tudo sobre um patamar de consumo maior.

Para Renato Meirelles, da empresa de pesquisas Data Popular, “Lula sai como o grande responsável pela democratização do consumo no Brasil”. “O que antes era sonho para muitos, virou meta. Isso muda muita coisa.”

# QUANTOS SÃO E ONDE ESTÃO OS POBRES DO PAÍS

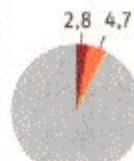
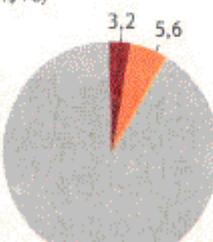
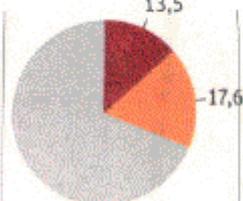
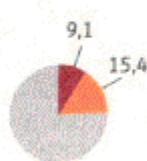
No Brasil, por região

**Pobres**  
(renda per capita até R\$ 140)

**Indigentes**  
(renda per capita até R\$ 70)

**Não pobres/indigentes**

Em percentual



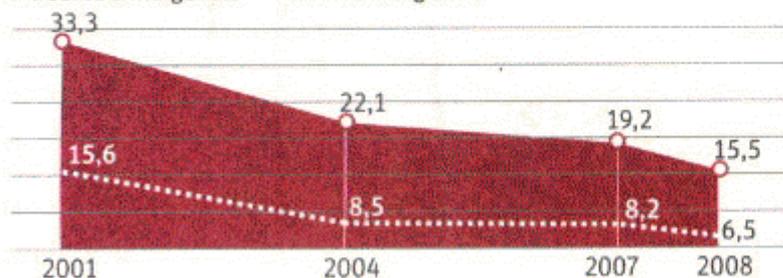
	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	TOTAL
<b>Pessoas</b>						
Indigentes	1,4 milhão	7,2 milhões	2,5 milhões	775 mil	547 mil	12,4 milhões
Pobres	2,3 milhões	9,4 milhões	4,3 milhões	1,3 milhão	887 mil	18,5 milhões

## TOTAL DE POBRES E INDIGENTES VEM CAINDO

Proporção da população, em %

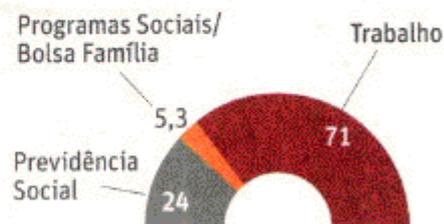
■ Pobres e indigentes

..... Só indigentes



## TRABALHO IMPACTA MAIS

Quanto cada área influi no aumento do rendimento, em %





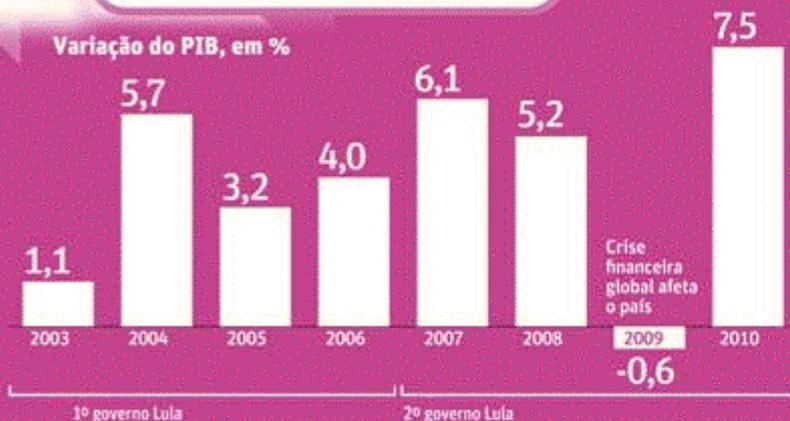


# OS ANOS LULA EM NÚMEROS

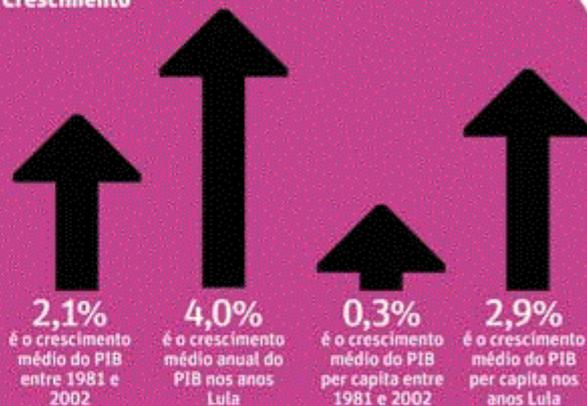
**Média de crescimento nos anos Lula dobrou em relação às duas décadas anteriores**

## Produção

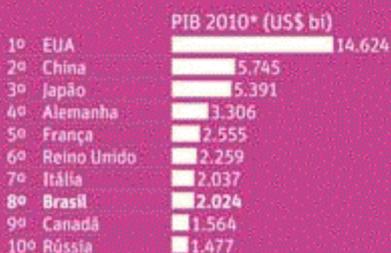
Variação do PIB, em %



Crescimento



**Brasil saltou da 12ª para a 8ª posição no ranking de maiores economias desde 2003**



\* Projeções do FMI para o PIB nominal em 2010

**Média de crescimento ficou aquém da maioria dos emergentes, em%**

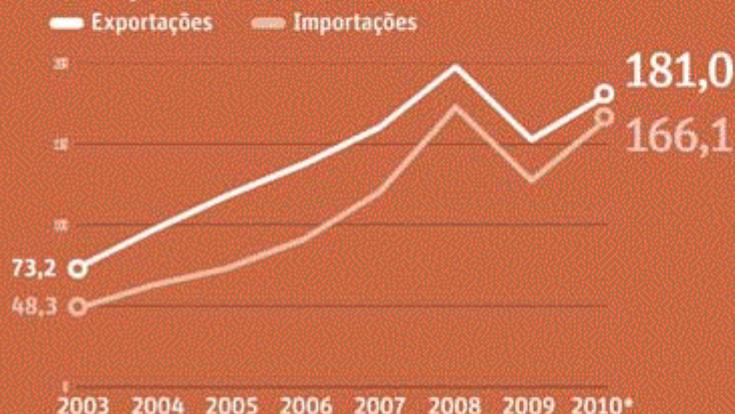


Obs.: Foram selecionados os países emergentes com PIB nominal superior a US\$200 bilhões

**Poder de compra da população se recuperou com vigor, depois de um longo período de estagnação**

# Comércio exterior

**Balança comercial, em US\$ bilhões**



\* Acumulado no ano até novembro

**Exportações crescem e reservas disparam, mas com importações fortes, as contas externas caem no vermelho**

**Deficit da conta corrente, em % do PIB**



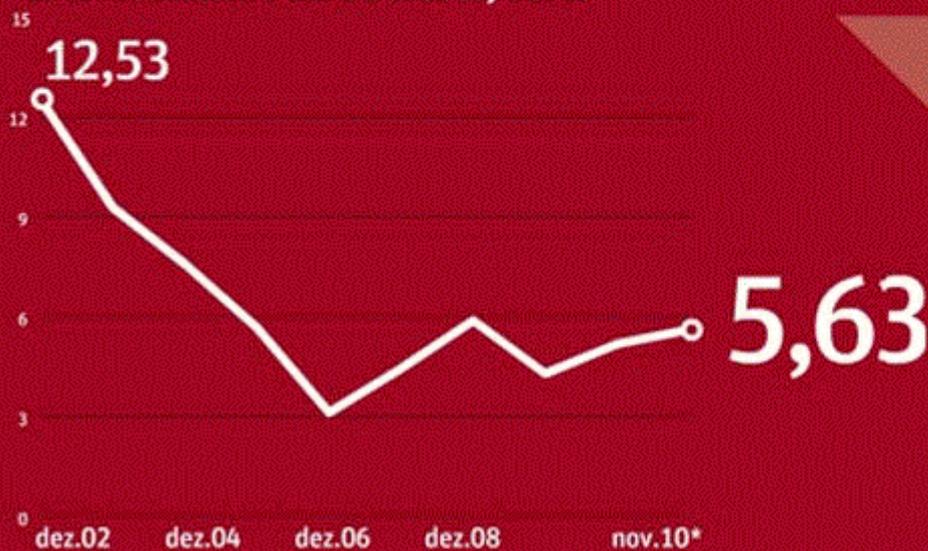
\* Acumulado em 12 meses até outubro

**Reservas internacionais, em US\$ bilhões**



# Inflação, moeda e crédito

**IPCA acumulado em 12 meses, em %**



\* Variação acumulada em 12 meses

**A inflação foi mantida sob controle, e a estabilidade contribuiu para a valorização da moeda e a expansão do crédito**

**Taxa de câmbio R\$/US\$**



\* Variação acumulada em 12 meses

**Saldo de operações de crédito do sistema financeiro ao setor privado, em % do PIB**



**Poder de compra do salário mínimo aumenta**

	Salário Mínimo	Cestas básicas* que o mínimo pode comprar
Dez.2002	R\$ 200	1,2
Nov.2010	R\$ 510	1,9

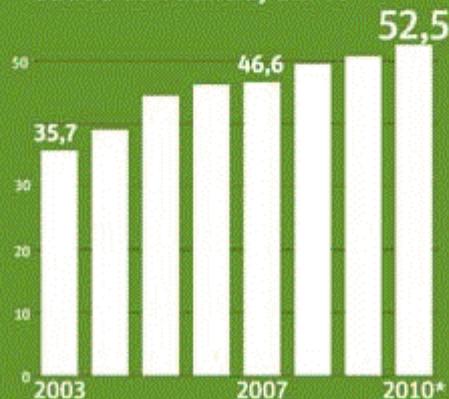
\* A cesta básica usada no cálculo é a mais cara entre as pesquisadas pelo Dieese em 17 capitais

**As operações de empréstimo consignado em folha de pagamento (modalidade criada pelo governo Lula em 2003) representam hoje 20% do crédito total destinado às famílias**

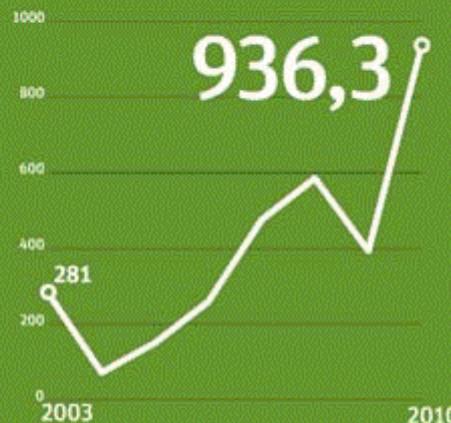
Nas áreas sociais, o programa Saúde da Família cresce, o analfabetismo cai, mas problemas como explosão da dengue preocupam

# Saúde e educação

População atendida pelo Saúde da Família, em %



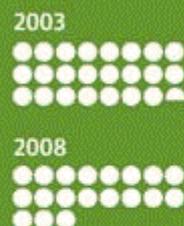
Casos de dengue, em mil



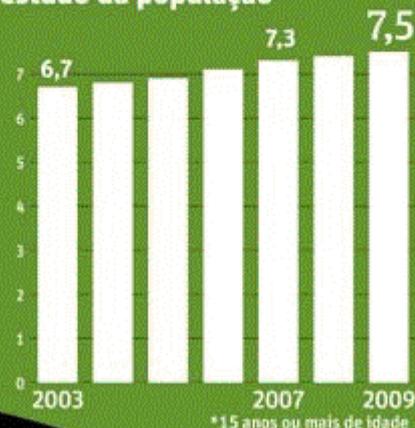
\*Os números de 2010 se referem a todos os casos notificados (confirmados e em investigação) até setembro

## Mortalidade infantil

Número de óbitos até um ano de idade por mil nascidos vivos

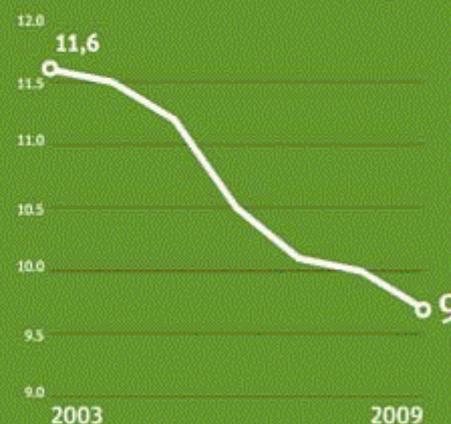


Média de anos de estudo da população\*



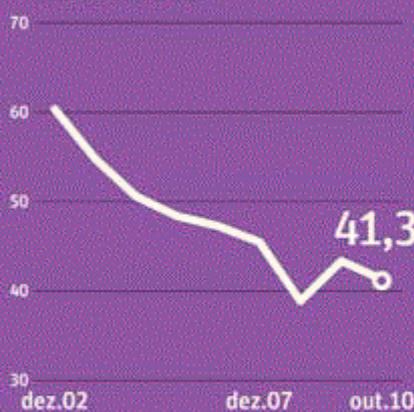
\*15 anos ou mais de idade

Analfabetismo em % da população

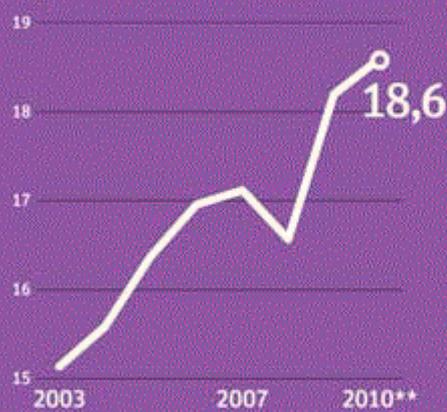


# Contas públicas

**Dívida pública retrocede, em % do PIB**



**Despesas não financeiras\* do governo federal, em % do PIB**



\* Exclui pagamento com juros  
 \*\* 12 meses até outubro. Não inclui despesa extraordinária com a capitalização da Petrobras

**Austeridade fiscal ajudou a reduzir a dívida pública, mas descontrole dos gastos no fim do governo acendeu uma luz vermelha**

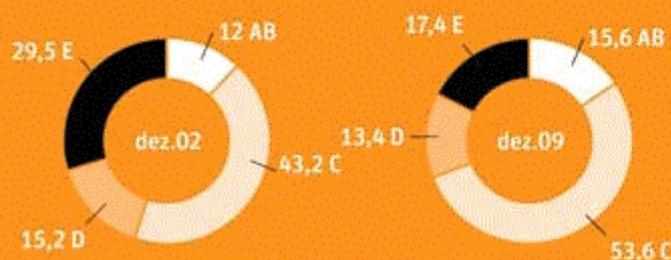
## Desemprego e distribuição de renda

**Desemprego nas seis principais regiões metropolitanas, em %**



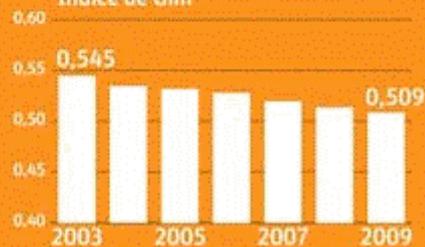
**Dinamismo da economia fez o desemprego desabar e ajudou milhões de pessoas a sair da pobreza e entrar na classe média**

**Classes sociais, em % na população total do país**



\* Valores acumulados entre janeiro e outubro

**Desigualdade permanece elevada, mas retrocedeu**  
 Índice de Gini\*



\* Quanto mais próximo de 1, mais desigual é o país

Fontes: Banco Central do Brasil, Bloomberg, Dieese, Economist Intelligence Unit, IBGE, Indicadores do Desenvolvimento Mundial (Banco Mundial) IPEA, FGV, FMI, MDIC, Ministério da Saúde, OCDE e PNUD

# NA COMPARAÇÃO COM OUTROS PAÍSES, BRASIL AINDA DEIXA A DESEJAR...

 <p><b>Taxa de juros real (descontada a inflação acumulada em 12 meses, em %)</b></p> <p><b>4,8%</b></p>	<p><b>Carga tributária (em % do PIB)</b></p> <p><b>34,2</b></p>	<p><b>Gasto em pesquisa e desenvolvimento (em % do PIB)</b></p> <p><b>1,1%</b></p>	<p><b>População adulta (mais de 25 anos) com ensino médio completo</b></p> <p><b>39%</b></p>	<p><b>População adulta com ensino superior completo</b></p> <p><b>11%</b></p>
 <p>Juro real caiu de 11,1% em 2002 para 4,8% agora, mas ainda é o mais alto do mundo</p>	<p>O Brasil tinha a maior carga tributária entre 19 países da América Latina em 2007, segundo a Cepal</p>	<p>Contra 1,7% na China e 2,3% para a média dos 30 países desenvolvidos que fazem parte da OCDE</p>	<p>Abaixo da média de 44% dos países da OCDE</p>	<p>Muito abaixo da média de 28% dos países da OCDE</p>
<p><b>Desempenho pífio em teste internacional de educação</b></p> <p><b>53º</b> em leitura e ciências <b>57º</b> lugar em matemática</p>	<p><b>Taxa de homicídio</b></p> <p><b>22</b> por 100 mil habitantes</p>	<p><b>Mortalidade infantil</b></p> <p><b>19</b> por 100 mil bebês nascidos vivos</p>	<p><b>Mortalidade materna</b></p> <p><b>75</b> por 100 mil bebês nascidos vivos</p>	<p><b>Acesso a condições mínimas adequadas de saneamento básico, em 2008</b></p> <p><b>80%</b></p>
<p>O país segue entre os piores no Pisa. O teste compara o desempenho de jovens de 15 anos em 65 países</p>	<p>A 12ª mais alta do mundo entre 147 países em 2008, segundo a ONU</p>	<p>Contra 15 no México, 7 no Chile e menos de 10 na maioria dos países desenvolvidos</p>	<p>Contra 39 na Rússia, 38 na China, 26 no Chile e taxas inferiores a 10 na maioria dos países ricos</p>	<p>O país fica atrás de desenvolvidos e emergentes como Rússia (87%), Argentina (90%), Chile (96%)</p>